

"Governo" ^{Econ. Brasil} direcionará investimentos

22 ABR 1986
por George Vidor
do Rio

Preocupado com o superaquecimento da economia, o governo já está estudando alterações em seus programas — apenas os da área social não serão atingidos — para forçar o setor privado a redirecionar os seus investimentos, revelou, na última sexta-feira, o diretor da Dívida Pública do Banco Central, André Lara Resende, durante o seminário de "open market" promovido pela Associação dos Bancos do Estado do Rio de Janeiro (ABERJ), com apoio da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima).

O redirecionamento será obtido em grande parte pela redução dos gastos diretos do governo e das estatais, por via fiscal, em re-

sumo, mas não através da criação de impostos, garantiu Lara Resende.

Além da contenção dos seus próprios gastos, as autoridades esperam neutralizar a excitação da demanda também por uma "flexibilização de importação", especialmente no caso dos setores da economia brasileira dominados por oligopólios, que podem aproveitar-se desse aumento da procura para pressionar internamente os preços.

Além de oligopólios, setores que têm grande poder de influência sobre o mercado, como é o caso da indústria têxtil, poderão sofrer também a concorrência de importações.

O diretor da Dívida Pública do BC deixou claro ainda que o governo deve estreitar um pouco mais a liquidez da economia, para

forçar as empresas que estão extremamente capitalizadas a orientar seus investimentos mais para o longo prazo. Isto significa dizer que as autoridades não pensam em reduzir, a curto prazo, as taxas de juros. "Como reduzir os juros em uma situação dessas de demanda aquecida? Mas deve-se frisar que juros reais puros de 16% ao ano representam, na prática, bem menos que correção monetária e juros reais de 16% ao ano, como vinha acontecendo antes", respondeu Lara Resende a uma pergunta dos jornalistas sobre a questão das taxas de juros.

O superaquecimento da economia já tinha sido detectado pelo governo no início do ano — quando foram adotadas medidas de contenção do crédito direto ao consumidor —, mas a pressão sobre a demanda acentuou-se após o programa de estabilização de pre-

ços. "Nos últimos anos, toda a política governamental foi no sentido de as empresas diminuírem o seu endividamento. O setor privado chegou ao final da crise muito capitalizado e é natural, agora com os preços estabilizados, que queira investir", disse Lara Resende.

Pelas declarações de Lara Resende, fica patente que, para as autoridades, o problema agora a ser enfrentado pela economia nada tem a ver com a recessão, como muitos economistas, líderes sindicais e políticos chegaram a prever.

A economia aquecida, em tese, significa que o desempenho tende a diminuir. O lado negativo deste aquecimento é que, havendo desequilíbrio entre oferta e demanda, as pressões sobre os preços só aumentam, o que tornará ainda mais complicada a fase de descongelamento.